



COLOMBINA

Mascarada mulher o rabecão trouxera.
Morrera em pleno baile a frágil Colombina
E, no egrégio salão de culto à Medicina,
4 O professor leciona, em voz veemente e austera:

— “Rapazes, contemplai! E’ rameira e menina.
6 Tombou ébria no vício e com certeza era
Devassa meretriz, mistura de anjo e fera,
8 Flor de lama e prazer, Vênus e Messalina.”

(*) «Júlia Cortines» — diz Péricles Eugênio da Silva Ramos (*Pan.* III, pág. 246) — «é uma das poetisas selecionadas por Valentim Magalhães para figurarem na parte antológica de *A Literatura Brasileira* (1870-1895). Sua poesia afigura-se realmente parnasiana, de um comedimento e boleio de frase semelhante ao de Francisca Júlia.» E’ ela, segundo afirma o poeta e ensaísta Darcy Damasceno (in *A Lit. no Brasil*,

Em seguida, a cortar, rompe a seda sem custo,
Desnuda-lhe, solene, a alva pele do busto,
Afasta, indiferente, as flores de rendilha...

No entanto, ao descobrir-lhe a face triste e bela,
O mestre cambaleia e chora junto dela...
Encontrara na morta a sua própria filha.

R O M A N C E

No vetusto solar da longínqua Provença,
Ao pajem disse a dama, ante pálida lua:
17 — “Nunca te esquecerei!... Sou tua, sempre tua!...”
No outro dia, porém, deu-lhe escárnio e descrença.

Relegado no campo ao suor da charrua,
Entre a mágoa do amor e a humilhação da ofensa,
21 O jovem busca a morte... A morte, em sombra imensa,
Endoidece-lhe o sonho e a vida continua...

III, t. 1, pág. 376), quem «abre o desfile dos epígonos parnasianos». Sentimento, emoção, cuidado da forma, beleza expressional e correção métrica caracterizam-lhe os poemas, levando José Veríssimo a compará-la à célebre poetisa italiana Ada Negri (apud E. Werneck, *Ant. Brasileira*, pág. 507). (Rio Bonito, Estado do Rio, 12 de Dezembro de 1868 — Desencarnou em 19 de Março de 1948.)

BIBLIOGRAFIA: Versos; Fragmentos; Vibrações.

4. Ler com sinérese: *vee-men-te*.

6. Leia-se com hiato: *com/ cer/te/za/ e/ra*.

8. Para que possamos observar o gosto da poetisa para a alusão a nomes célebres, quer mitológicos quer da vida real, cf. o soneto “A Vingança de Cambises” (apud *Pan.* III, págs. 246-247).

17. Cf. nota nº 2, pág. 36.

21. Cf. nota nº 7, pág. 62.

Mais tarde, a castelã parte igualmente e, aovê-lo,
24 Desgrenhado e infeliz, no infeliz pesadelo,
Implora outra existência à Bondade Divina...

Hoje, mãe triste e pobre, em lágrimas no arado,
Aconchega no colo um menino entrevado
Que a doença consome e a loucura domina.

Antônio Eliezer LEAL DE SOUZA (*)



MORTE

E

REENCARNAÇÃO

1 Morrer!... Morrer!... A gente crê que esquece,
Pensa que é santo em paz humilde e boa,
Quando a morte, por fim, desagrilha
O coração cansado posto em prece.

Mas, ai de nós!... A luta reaparece...
A verdade é rugido de leoa...
A floração de orgulho cai à toa,
Por joio amargo na Divina Messe.

(*) Ao desligar-se do Exército, dedicou-se Leal de Souza ao jornalismo, tendo sido redator de *A Federação* de Porto Alegre. Iniciou, depois, o curso jurídico, no Rio de Janeiro, sem concluir-lo, porém. Nessa mesma cidade, salientou-se na posição de diretor de *A Careta* e de secretário de *A Noite*, do *Diário de Notícias* e de *A Nota*. Poeta que mereceu louvores de Olavo Bilac, achando João Pinto da Silva (*Hist. Lit. R.G.S.*, pág. 223) que na obra poética dele «há composições que uma crítica

24. Cf. nota nº 2, pág. 36.